



Diocese de
Caçador

JORNAL FONTE - ANO XXVII - Nº 288 - EDIÇÃO DE MAIO DE 2024

JUBILEU 2025





PALAVRA DO BISPO



CAMINHOS JUBILARES... SINODAIS...DE ESPERANÇA!

Estimados irmãos e irmãs! Escrevo esta mensagem no momento em que estou participando da 61ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Aparecida. Um encontro que fortalece a comunhão e a sinodalidade.

Nossa Igreja vive o Sínodo sobre a sinodalidade e estamos nos preparando para o Jubileu de 2025. Queremos fazer destes acontecimentos, um momento privilegiado de Evangelização. Por isso, podemos falar em Espiritualidade Sinodal e Espiritualidade Jubilar. Acolhemos as propostas da Igreja e do Papa Francisco com o desafio de irmos além dos eventos e desencadarmos processos para melhor anunciarmos a Boa Nova.

A vivência do Sínodo nos convida a fortalecermos a participação, a comunhão e a mis-

são. Precisamos assumir nosso compromisso de caminharmos juntos e valorizarmos a diversidade que existe em nossas comunidades. Viver a espiritualidade sinodal é ouvir o Espírito Santo que nos interpela a olharmos para os espaços que favorecem a unidade, entre os quais se destacam os diversos conselhos.

A espiritualidade jubilar nos convida a vivermos com mais intensidade a misericórdia e a reconciliação e a sermos povo peregrino, que se coloca a caminho como povo missionário da esperança. O Jubileu nos aponta a necessidade de vivermos de forma mais sóbria, mais simples, respeitando a Casa Comum.

Em nossa Diocese de Caçador estamos vivendo um bonito momento de partilha

e reflexão do nosso Plano Diocesano de Pastoral. Estão sendo realizados encontros nas paróquias nos quais as lideranças tomam conhecimento das propostas centrais de nossa ação evangelizadora. Estes encontros são momentos de evangelização e formação para o nosso povo.

Diante da Mãe Aparecida colocamos a nossa Diocese de Caçador, pedindo sua intercessão junto ao Cristo Ressuscitado para que permaneçamos firmes na Fé e na Esperança.

Dom Cleocir Bonetti
Bispo Diocesano de Caçador

EDITORIAL

Queridos (as) leitores (as)!

Nossa Diocese se alegra por vivenciar tantos momentos de evangelização. Abril foi um mês intenso de muitas atividades, encontros e celebrações em verdadeiro espírito sinodal.

Destacamos aqui a participação do nosso bispo Dom Cleocir Bonetti na 61ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Aparecida, São Paulo. Um espaço de profunda espiritualidade, conhecimento, socialização e importantes propostas para uma Igreja que caminha em unidade com seu povo.

Durante a Assembleia também enfatizamos o reconhecimento oferecido à representante da Diocese de Caçador e do Regional Sul 4, Regiane Dutra Freire, que recebeu

o Ministério do Catequista como um serviço de grande responsabilidade, que se traduz em amor à igreja e à missão.

As celebrações de crismas e primeira eucaristia também foram recebidas com alegria em várias paróquias. Por meio desses sacramentos, os catequizandos foram abençoados e fortalecidos na fé.

Tivemos ainda, no mês de abril, a apresentação do Plano Diocesano de Pastoral em nove paróquias. Momentos de formação e aprofundamento deste importante projeto que com certeza ajudarão a dar vida aos Planos Paroquiais, e fortalecerão as Comunidades Eclesiais Missionárias.

Em maio, celebrando o Mês Mariano, temos um encontro marcado na Romaria ao Santuário Diocesano Nossa Senhora de Fátima,

Mãe dos Pobres, em Fraiburgo. É a 32ª edição do evento. São esperados peregrinos e romeiros de toda a diocese e região para um dia abençoado de muita espiritualidade, em um espaço de comunhão, paz, devoção e fortalecimento na fé.

Que Nossa Senhora de Fátima, Mãe dos Pobres, interceda a Deus por nós e por nossas missões!

Boa leitura!

Elaine Karch de Almeida
Pastoral da Comunicação



Secretariado Diocesano de Pastoral
Av. Santa Catarina, nº 228 - Centro - C.P. 227
Caçador/SC (CEP: 89.500-121)
(49) 3563-2045
pascom@diocesedecacador.org.br

Site: www.diocesedecacador.org.br

Edição: Pastoral da Comunicação

Jornalista Responsável: Elaine Karch de Almeida

Diagramação: Gustavo Henrique Guedes Fambomel

Fotos e imagens: acervo Diocese de Caçador, CNBB, Arquidiocese de Maringá, catequisar.com.br, copyrigh@vaticannews.

Impressão: Grafinoorte / Apucarana-PR

Tiragem: 9.000 exemplares



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O LVIII DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

*Inteligência artificial e sabedoria do coração:
para uma comunicação plenamente humana
(12 de maio de 2024)*

Queridos irmãos e irmãs!

A evolução dos sistemas da chamada “*inteligência artificial*”, sobre a qual já me debrucei na recente Mensagem para o Dia Mundial da Paz, está a modificar de forma radical também a informação e a comunicação e, através delas, algumas bases da convivência civil. Trata-se de uma mudança que afeta não só aos profissionais, mas a todos. A rápida difusão de maravilhosas invenções, cujo funcionamento e potencialidades são indecifráveis para a maior parte de nós, suscita um espanto que oscila entre entusiasmo e desorientação e põe-nos inevitavelmente diante de questões fundamentais: O que é então o homem, qual é a sua especificidade e qual será o futuro desta nossa espécie chamada homo sapiens na era das inteligências artificiais? Como podemos permanecer plenamente humanos e orientar para o bem a mudança cultural em curso?

A partir do coração

Antes de mais nada, convém limpar o terreno das leituras catastróficas e dos seus efeitos paralisadores. Já há um século Romano Guardini, refletindo sobre a técnica e o homem, convidava a não se inveterar contra o “*novo*” na tentativa de “*conservar um mundo belo condenado a desaparecer*”. Ao mesmo tempo, porém, com veemência profética advertia: “*O nosso posto é no devir. Devemos inserir-nos nele, cada um no seu lugar (...), aderindo honestamente, mas permanecendo sensíveis, com um coração incorruptível, a tudo o que nele houver de destrutivo e não-humano*”. E concluía: “*Trata-se – é verdade – de problemas de natureza técnica, científica e política; mas só podem ser resolvidos passando pelo homem. Deve-se formar um novo tipo humano, dotado de uma espiritualidade mais profunda, de uma nova liberdade e duma nova interioridade*”.

Neste tempo que corre o risco de ser rico em técnica e pobre em humanidade, a nossa reflexão só pode partir do coração humano. Somente dotando-nos de um olhar espiritual, apenas recuperando uma sabedoria do coração é que poderemos ler e interpretar a novidade do nosso tempo e descobrir o caminho para uma comunicação plenamente humana. O coração, entendido biblicamente como sede da liberdade e das decisões mais

importantes da vida, é símbolo de integridade e de unidade, mas evoca também os afetos, os desejos, os sonhos, e sobretudo é o lugar interior do encontro com Deus. Por isso a sabedoria do coração é a virtude que nos permite combinar o todo com as partes, as decisões com as suas consequências, as grandezas com as fragilidades, o passado com o futuro, o eu com o nós.

Esta sabedoria do coração deixa-se encontrar por quem a busca e deixa-se ver a quem a ama; antecipa-se a quem a deseja e vai à procura de quem é digno dela (cf. *Sab 6, 12-16*). Está com quem aceita conselho (cf. *Pr 13, 10*), com quem tem um coração dócil, um coração que escuta (cf. *1 Re 3, 9*). É um dom do Espírito Santo, que permite ver as coisas com os olhos de Deus, compreender as interligações, as situações, os acontecimentos e descobrir o seu sentido. Sem esta sabedoria, a existência torna-se insípida, pois é precisamente a sabedoria que dá gosto à vida: a sua raiz latina *sapere* associa-a ao *sabor*.

Oportunidade e perigo

Não podemos esperar esta sabedoria das máquinas. Embora o termo *inteligência artificial* já tenha suplantado o termo mais correto utilizado na literatura científica de *machine learning* (aprendizagem automática), o próprio uso da palavra “*inteligência*” é falacioso. É certo que as máquinas têm uma capacidade imensamente maior que os seres humanos de memorizar os dados e relacioná-los entre si, mas compete ao homem, e só a ele, descodificar o seu sentido. Não se trata, pois, de exigir das máquinas que pareçam humanas; mas de despertar o homem da hipnose em que cai devido ao seu delírio de onipotência, crendo-se sujeito totalmente autônomo e autorreferencial, separado de toda a ligação social e esquecido da sua condição de criatura.

Realmente o homem sempre teve experiência de não se bastar a si mesmo, e procura superar a sua vulnerabilidade valendo-se de todos os meios. Partindo dos primeiros instrumentos pré-históricos, utilizados como prolongamento dos braços, passando pelos meios de comunicação como extensão da palavra, chegamos hoje às máquinas mais sofisticadas que funcionam como auxílio do pensamento. Entretanto cada uma destas realidades pode ser contaminada pela tentação primordial de se tornar *como Deus sem Deus* (cf. *Gen 3*), isto é, a tentação de querer conquistar com as próprias forças aquilo que deveria, pelo contrário, acolher como dom de Deus e viver na relação com os outros.

Cada coisa nas mãos do homem torna-se oportunidade ou perigo, segundo a orientação do coração. O próprio corpo, criado para ser lugar de comunicação e comunhão, pode tornar-se instrumento de agressão. Da mesma forma, cada prolongamento técnico do homem

pode ser instrumento de amoroso serviço ou de domínio hostil. Os sistemas de inteligência artificial podem contribuir para o processo de libertação da ignorância e facilitar a troca de informações entre diferentes povos e gerações. Por exemplo, podem tornar acessível e compreensível um patrimônio enorme de conhecimentos, escrito em épocas passadas, ou permitir às pessoas comunicarem em línguas que lhes são desconhecidas. Mas simultaneamente podem ser instrumentos de “*poluição cognitiva*”, alteração da realidade através de narrações parcial ou totalmente falsas, mas acreditadas – e partilhadas – como se fossem verdadeiras. Basta pensar no problema da desinformação que enfrentamos, há anos, no caso das *fake news* e que hoje se serve da *deep fake*, isto é, da criação e divulgação de imagens que parecem perfeitamente plausíveis mas são falsas (já me aconteceu a mim também ser objeto delas), ou mensagens-áudio que usam a voz de uma pessoa, dizendo coisas que ela própria nunca disse. A simulação, que está na base destes programas, pode ser útil nalguns campos específicos, mas torna-se perversa quando distorce as relações com os outros e com a realidade.

Já desde a primeira vaga de inteligência artificial – a das redes sociais – compreendemos a sua ambivalência, constatando a par das oportunidades também os riscos e as patologias. O segundo nível de inteligências artificiais geradoras marca, indiscutivelmente, um salto qualitativo. Por conseguinte, é importante ter a possibilidade de perceber, compreender e regulamentar instrumentos que, em mãos erradas, poderiam abrir cenários negativos. Os algoritmos, como tudo o mais que sai da mente e das mãos do homem, não são neutros. Por isso é necessário prevenir propondo modelos de regulamentação ética para contornar os efeitos danosos, discriminadores e socialmente injustos dos sistemas de inteligência artificial e contrastar a sua utilização para a redução do pluralismo, a polarização da opinião pública ou a construção do pensamento único. Assim reitero aqui a minha exortação à “*Comunidade das Nações a trabalhar unida para adotar um tratado internacio-*

MENSAGEM DO VATICANO

nal vinculativo, que regule o desenvolvimento e o uso da inteligência artificial nas suas variadas formas”. Entretanto, como em todo o âmbito humano, não é suficiente a regulamentação.

Crescer em humanidade

Somos chamados a crescer juntos, em humanidade e como humanidade. O desafio que temos diante de nós é realizar um salto de qualidade para estarmos à altura de uma sociedade complexa, multiétnica, pluralista, multirreligiosa e multicultural. Cabe a nós questionar-nos sobre o progresso teórico e a utilização prática destes novos instrumentos de comunicação e conhecimento. As suas grandes possibilidades de bem são acompanhadas pelo risco de que tudo se transforme em um cálculo abstrato que reduz as pessoas a dados, o pensamento a um esquema, a experiência a um caso, o bem ao lucro, com o risco sobretudo de que se acabe por negar a singularidade de cada pessoa e da sua história, dissolvendo a realidade concreta numa série de dados estatísticos.

A revolução digital pode tornar-nos mais livres, mas certamente não conseguirá fazê-lo se nos prender nos modelos designados hoje como **echo chamber** (câmara de eco). Nestes casos, em vez de aumentar o pluralismo da informação, corre-se o risco de se perder em um pântano anônimo, favorecendo os interesses do mercado ou do poder. Não é aceitável que a utilização da inteligência artificial conduza a um pensamento anônimo, a uma montagem de dados não certificados, a uma desresponsabilização editorial coletiva. A representação da realidade por **big data** (grandes dados), embora funcional para a gestão das máquinas, implica na realidade uma perda substancial da verdade das coisas, o que dificulta a comunicação interpessoal e corre o risco de danificar a nossa própria humanidade. A informação não pode ser separada da relação existencial: implica o corpo, o situar-se na realidade; pede para correlacionar não apenas dados, mas experiências; exige o rosto, o olhar, a compaixão e ainda a partilha.

Penso na narração das guerras e naquela “guerra paralela” que se trava através de campanhas de desinformação. E penso em tantos repórteres que ficam feridos ou morrem no local em efervescência para permitir a nós ver o que viram os olhos deles. Pois só tocando pessoalmente o sofrimento das crianças, das mulheres e dos homens é que poderemos compreender o caráter absurdo das guerras.

A utilização da inteligência artificial poderá proporcionar um contributo positivo no âmbito da comunicação, se não anular o papel do jornalismo no local, antes pelo contrário se o apoiar; se valorizar o profissionalismo da comunicação, responsabilizando cada comunicador; se devolver a cada ser humano o papel de sujeito, com capacidade crítica, da própria comunicação.

Interrogativos de hoje e de amanhã

E surgem, espontâneas, algumas questões: Como tutelar o profissionalismo e a dignidade dos trabalhadores no campo da comunicação e da informação, juntamente com a dos utentes em todo o mundo? Como garantir a interoperabilidade das plataformas? Como fazer com que as empresas que desenvolvem plataformas digitais assumam as suas responsabilidades relativamente ao que divulgam daí tirando os seus lucros, de forma análoga ao que acontece com os editores dos meios de comunicação tradicionais? Como tornar mais transparentes os critérios subjacentes aos algoritmos de indexação e desindexação e aos motores de pesquisa, capazes de exaltar ou cancelar pessoas e opiniões, histórias e culturas? Como garantir a transparência dos processos de informação? Como tornar evidente a paternidade dos escritos e rastreáveis as fontes, evitando o para-vento do anonimato? Como deixar claro se uma imagem ou um vídeo retrata um acontecimento ou o simula? Como evitar que as fontes se reduzam a uma só, a um pensamento único elaborado algorítmicamente? E, ao contrário, como promover um ambiente adequado para salvaguardar o pluralismo e representar a complexidade da realidade? Como podemos tornar

sustentável este instrumento poderoso, caro e extremamente energívoro? Como podemos torná-lo acessível também aos países em vias de desenvolvimento?

A partir das respostas a estas e outras questões compreenderemos se a inteligência artificial acabará por construir novas castas baseadas no domínio informativo, gerando novas formas de exploração e desigualdade ou se, pelo contrário, trará mais igualdade, promovendo uma informação correta e uma maior consciência da transição de época que estamos a atravessar, favorecendo a escuta das múltiplas carências das pessoas e dos povos, em um sistema de informação articulado e pluralista. De um lado, vemos assomar o espectro de uma nova escravidão, do outro uma conquista de liberdade; de um lado, a possibilidade de que uns poucos condicionem o pensamento de todos, do outro a possibilidade de que todos participem na elaboração do pensamento.

A resposta não está escrita; depende de nós. Compete ao homem decidir se há de tornar-se alimento para os algoritmos ou nutrir o seu coração de liberdade, sem a qual não se cresce na sabedoria. Esta sabedoria amadurece valorizando o tempo e abraçando as vulnerabilidades. Cresce na aliança entre as gerações, entre quem tem memória do passado e quem tem visão de futuro. Somente juntos é que cresce a capacidade de discernir, vigiar, ver as coisas a partir do seu termo. Para não perder a nossa humanidade, procuremos a Sabedoria que existe antes de todas as coisas (cf. *Sir 1, 4*), que, passando através dos corações puros, prepara amigos de Deus e profetas (cf. *Sab 7, 27*): há de ajudar-nos também a orientar os sistemas da inteligência artificial para uma comunicação plenamente humana.

Roma – São João de Latrão, 24 de janeiro de 2024.

Francisco



58º
DIA MUNDIAL DAS
COMUNICAÇÕES SOCIAIS

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SABEDORIA DO CORAÇÃO:
por uma comunicação plenamente humana

12 DE MAIO DE 2024

DO CORAÇÃO DE PEDRA PARA O CORAÇÃO DE CARNE

- Comentário sobre o livro do profeta Ezequiel (4ª parte) -

Irmãos e irmãs amados!

A Bíblia mostra que Deus, dentro do contexto de cada época, emite suas mensagens, orientando seu povo para que todos tenham vida em abundância. Para isso ele conta com homens e mulheres que respondem ao chamado de colocar-se a serviço de sua vontade. Assim surgem os profetas e profetisas que assumem a missão de advertir o povo sobre o comportamento que deve ter na fidelidade ao projeto de Deus. Os verdadeiros profetas e profetisas têm consciência de que devem falar e agir em nome de Deus e não por interesse próprio. Anunciam, sobretudo, a necessidade de conversão: a atitude de voltar-se para Deus com toda a atenção e respeito, bem como voltar-se para o próximo atendendo às suas necessidades e respeitando a sua dignidade. Em outras palavras, a conversão consiste em transformar o coração de pedra em coração de carne. É uma das ideias centrais da profecia de Ezequiel. Vamos refletir sobre os capítulos 11 a 17.

Promessa de Deus: um coração de carne (cap. 11)

Os capítulos sobre os quais queremos nos ocupar neste encontro fazem parte do bloco cujo tema central é o julgamento de Deus contra a cidade de Jerusalém (cap. 4 a 24). Ezequiel procura detectar as causas que provocaram o Exílio da Babilônia. Vimos algumas delas no encontro anterior, referente aos capítulos 4 a 10. É em Jerusalém que se encontram as estâncias de poder político-religioso. O capítulo 11 inicia expondo uma nova visão do profeta Ezequiel: ele é transportado para o pórtico oriental do templo de Jerusalém. Percebe que aí se encontram vinte e cinco homens “que tramam o crime e planejam a desgraça na cidade”. São chefes do povo que não foram levados à Babilônia na primeira deportação que aconteceu em 597 antes de Cristo. Estes homens planejam uma maneira de aproveitar da nova situação em benefício próprio. Não imaginam que, em breve, acontecerá uma nova invasão do exército babilônico, onde a cidade e o templo serão totalmente destruídos. E o que vai acontecer em 587 a.C.

O profeta chama a atenção pela dureza de coração destes líderes: o seu comportamento os afasta de Deus. De fato, Deus revela que estará junto ao povo exilado na Babilônia e aos que estão dispersos por outras nações. O sofrimento dos exilados atrai a compaixão divina e será ocasião para uma verdadeira conversão: “Eu lhes darei um só coração e infundirei neles um espírito novo. Extrairei do seu corpo o coração de pedra e lhes darei um coração de carne, de modo que andem segundo minhas leis e pratiquem os meus preceitos”. O lugar que Deus escolhe para manifestar sua bondade é no meio do povo que sofre, animando-o na construção de um projeto de nova vida.

Os enganadores do povo (cap. 12-14)

Inspirado por Deus, Ezequiel realiza uma ação simbólica na tentativa de despertar a consciência sobre a falsa segurança dos que ficaram em Jerusalém: toma a sua bagagem e coloca-se em caminhada rumo ao exílio. Apesar das chamadas de atenção do profeta, muita gente ironiza as suas visões e suas palavras. Espalham estes provérbios: “Os dias vão passando e todas as visões se desvanecem” (12,20); também dizem: “A visão que o profeta tem é para daqui a muitos anos” (12,27). Deus, porém, não desiste de advertir

o povo através de Ezequiel: “O dia está chegando e a visão vai se realizar” (12,23); e também: “Minhas palavras não tardarão mais para se realizar. E o que eu disser, está dito e vai acontecer” (12,28).

Os que espalham falsos provérbios, deturpando as mensagens de Deus, são os que pretendem manter o povo na alienação, sem a consciência da verdadeira situação sociopolítica em que se encontram. O capítulo 13 mostra que os falsos profetas e profetisas agem em favorecimento próprio. Eles falam como se fossem enviados por Deus, mas, na verdade praticam a idolatria, manipulando o nome de Deus conforme suas próprias conveniências; enganam o povo, “anunciando visões de paz, quando não existe paz” (13,16). Promovem rituais diversos pretendendo “seduzir as pessoas para explorá-las e garantir sua própria subsistência” (13,18); “com suas mentiras perturbam o coração das pessoas justas e dão apoio àquelas que cometem injustiças...” (13,22-23).

O capítulo 14 enfatiza a crítica e a condenação a estes falsos profetas. Quando pretendem consultar a Deus não serão ouvidos. Devem, antes, mudar de vida: “Convertam-se, abandonem seus ídolos, voltem as costas para todas as suas abominações...” (14,6). Conversão é uma tarefa para cada pessoa. Cada uma deve assumir as consequências de seus atos. Abraão intercedeu pela salvação da cidade de Sodoma: seriam suficientes dez pessoas justas para salvá-la. Ezequiel, porém, introduz outro modo de pensar, baseado na concepção própria da Teologia da Retribuição: cada pessoa recebe a recompensa conforme o seu comportamento.

O amor de Deus e a infidelidade do povo (cap. 15-16)

No capítulo 15, o profeta faz uso de uma imagem bem conhecida entre o povo: Israel é comparado a uma videira. A função de uma videira é produzir bons frutos: é o que se esperava do povo de Israel. Porém, a realidade mostra que não existem bons frutos. Portanto, Israel não pode mais ser comparado com a videira e, sim, com a madeira dela. Uma vez que a videira não produz frutos, sua madeira é lançada ao fogo. É o que Deus permite que façam com Jerusalém, uma cidade inútil. Está tão corrompida que daí não se pode esperar mais nada

de bom. Este povo esqueceu totalmente a sua origem e sua missão para a qual foi escolhido por Deus.

O capítulo 16 mostra que a história sagrada do povo eleito foi profanada pelo comportamento criminoso a partir da capital Jerusalém. Deus criou e cuidou deste povo como uma Mãe repleta de ternura: libertou-o, acompanhou-o, protegeu-o... O amor de Deus é também comparado ao amor de um esposo apaixonado por sua esposa. Fez uma aliança com ela. Deu-lhes as orientações, as leis e os preceitos para que vivesse na paz, na justiça e na fraternidade. Porém, em vários momentos, Jerusalém, a começar pelas lideranças, tornou-se infiel ao seu Esposo, a ponto de sacrificar a vida de crianças. Ezequiel a considera não mais como esposa, mas como prostituta que paga pelos seus clientes: uma alusão aos tributos pagos às potências estrangeiras, representadas pelas duas águias descritas no capítulo 17: referem-se à Babilônia e ao Egito. A história de Israel foi profundamente marcada entre estes dois impérios. Não adianta agora fazer aliança com o Egito, a “águia menor”. É a “águia maior” - a Babilônia - que exerce o domínio e o povo deverá submeter-se a ela.

Irmãos e irmãs amados! Percebemos que os textos aqui contemplados até agora indicam um contexto histórico muito difícil para o povo de Israel. A situação, realmente, era calamitosa. No entanto, o grupo profético de Ezequiel, sem camuflar a realidade, procura oferecer orientações que despertam a esperança militante na certeza de que algo novo poderá surgir com a graça de Deus. Vejam a promessa que Ele faz conforme está em Ez 17,22-24. O seu amor não tem limites!

[Para o próximo encontro, sugiro a leitura dos capítulos 18 a 24 de Ezequiel]

Celso Loraschi
qtzloraschi@gmail.com



CORPUS CHRISTI: COMO VIVENCIAR A SOLENIDADE DE CRISTO EUCARÍSTICO

A palavra “*Corpus Christi*”, vem da língua latina e tem como significado “*Corpo de Cristo*”. Neste mistério, celebramos a presença real de Cristo na Eucaristia.

Na idade média, frente às heresias que negavam a presença real de Jesus, na Eucaristia, o Papa Urbano IV, em 1264, instituiu esta solenidade para toda a Igreja. Celebrada na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade que, por sua vez, acontece no domingo seguinte de Pentecostes, recorda a Instituição da Eucaristia na Quinta-Feira Santa, com festa solene e procissões (passeatas da fé). Esta é uma festa de preceito, isto é, devemos participar da Missa neste dia.

As procissões pelas vias públicas nos revelam que assim como o povo da época de Jesus o acompanhava, nós também o fazemos, manifestando nossas dores e alegrias junto de Cristo Eucarístico. Elas seguem a recomendação do Código de Direito Canônico (Cân. 944) que determina onde for possível realizar-se, “para testemunhar publicamente a veneração para com a Santíssima Eucaristia, principalmente na solenidade do Corpo de Sangue de Cristo”.

Nesta solenidade recordamos que o pão é o alimento universal. Alimentou o profeta Elias na viagem, alimentou o povo no deserto (ázimos, maná) durante muitos anos, rumo à Terra Pro-

metida. Jesus partiu o pão e nos mandou partilhar em sua memória: “*Fazei isto em memória de mim*”, o seu corpo e o seu sangue são alimentos para a nossa vida.

Pão e vinho são frutos da terra e do trabalho humano. Muitas vezes, dividem as pessoas; mas, quando transformados, unem não só afetivamente, mas, também materialmente e tornam-se instrumentos de comunhão. Quando repartidos, tornam-se divinos, Jesus Eucarístico, Deus Conosco, Comunhão, Banquete, Sacrifício e memorial que antecipam o céu, “*Cristo tudo em todos*”.

O cristão tem necessidade de alimento para conservar a vida, mas tem mais necessidade ainda de um alimento que lhe dê coragem, perseverança e segurança; tem necessidade de um pão que lhe dê força para superar as dificuldades que existem em toda vida. A Eucaristia é este pão. É a segurança que Deus nos ama, é a certeza da ressurreição.

Sem alimento, como viver? Como amar? Como trabalhar? Como ser feliz? Jesus, Pão Eucarístico, presença real entre nós, nosso alimento!

Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-06/historia-da-solenidade-de-corpus-christi.html>
<https://www.cnbb.org.br/corpus-christi-6/>

Pela Comissão Diocesana de Liturgia



CATEQUESE

PARÓQUIAS CELEBRAM OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Dentro da proposta de Iniciação à Vida Cristã, as comunidades da Diocese de Caçador celebram os sacramentos da Crisma e da Primeira Eucaristia. Neste sentido, os batizados prosseguem o caminho de sua iniciação cristã através do sacramento da Confirmação, pelo qual recebem o Espírito Santo que o Senhor enviou sobre os apóstolos no dia de Pentecostes.

Por esse dom, os fiéis são configurados mais perfeitamente a Cristo e revestidos de força, a fim de darem testemunho Dele, para a edificação de seu Corpo na fé e na caridade. Os sacramentos do Batismo e da Confirmação direcionam o iniciante à Mesa da Eucaristia, que é a culminância de sua iniciação cristã.

A Eucaristia, sacramento da fé, é sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal no qual se recebe a vida inteira (corpo e sangue) do Cristo. Assim, a vida do fiel se enche de graça e lhe é dado o penhor da glória futura. Nela, também está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa.

Segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA, n. 209), os sacramentos da iniciação possuem caráter pascal, uma vez que nos fazem participantes do Mistério Pascal de Cristo. Para transparecer a alegria da ressurreição e a vida nova recebida nos

sacramentos, a Confirmação é celebrada no Tempo Pascal.

Não obstante, em algumas ocasiões esta celebração não ser presidida pelo bispo diocesano, a comunhão com ele, no sacramento da Confirmação, é garantida em virtude da consagração do Óleo do Crisma, realizada pelo bispo diocesano, unido ao seu presbitério na Missa dos Santos Óleos. De suas mãos, os vigários episcopais receberam o Santo Crisma a fim de confirmar na fé da Igreja aqueles que já são seus filhos pelo sacramento do Batismo.

Na caminhada de inspiração catecumenal, os catequizandos que realizaram a devida preparação participam pela primeira vez da Mesa Eucarística. Este é um momento de muita graça para a comunidade e família.

Participar semanalmente do sacramento da Eucaristia na comunidade de fé é celebrar a Páscoa do Senhor. Jesus instituiu esse sacramento na última ceia, confiando à Igreja o memorial da sua morte e ressurreição.

Agradecemos a dedicação de todos os catequistas

Regiane Dutra Freire

Pela Comissão Diocesana de Iniciação à Vida Cristã



PLANO DIOCESANO DE PASTORAL 2023-2030

Nesta edição seguimos apresentando nosso Plano Diocesano de Pastoral. Após conhecermos seu objetivo, o Capítulo I destaca a importância de centralizarmos os próximos passos em Jesus Cristo e sua influência na comunidade. É a partir daí que se manifesta a verdadeira ação evangelizadora.

CAPÍTULO I

PONTO DE PARTIDA:

JESUS CRISTO E A COMUNIDADE

“Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42).

17. Na passagem bíblica dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), encontramos uma cena inspiradora para nossa ação pastoral. Jesus caminha com os dois discípulos que, incapazes de entender o sentido do que a Ele havia acontecido, retiram-se de Jerusalém e da comunidade. Para estar na sua companhia, Jesus percorre a estrada com eles. Interroga-os e escuta pacientemente a sua versão dos fatos, para os ajudar a reconhecer o que estão sentindo e experimentando. Depois, com afeto e energia, anuncia-lhes a Palavra, levando-os a interpretar à luz das Escrituras os acontecimentos que viveram. Após longa caminhada, aceita o convite para ficar com eles ao cair da tarde: entra na sua noite. Enquanto escutavam Jesus, abrasava-se seu coração e iluminava-se sua mente; na fração do pão, abrem-se seus olhos. Eles mesmos decidem pôr-se de novo a caminho, sem demora, mas, em sentido inverso, para regressar à comunidade e compartilhar a experiência do encontro com Jesus ressuscitado (cf. ChV, 237).

18. Ao discernirmos os rumos da ação evangelizadora em nossa Diocese reconhecemos que precisamos continuamente reviver este encontro transformador com o Mestre Jesus, recomeçando tudo a partir dele (DCE 1) quem vem ao encontro da nossa fragilidade. Em tempos marcados por profundas mudanças, reafirmamos nossa alegria de termos sido também encontrados pelo Senhor, de viver esse encontro em comunidade e proporcioná-lo, como o melhor presente que recebemos e oferecemos, àqueles que também estão à sua procura. Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério da Santíssima Trindade, melhor e mais perfeita comunidade, construindo nossa vida pessoal e comunitária.

Nisto se manifesta nosso discipulado missionário: contemplamos Jesus Cristo presente e atuante em meio à realidade, à Sua luz compreendemo-la e com ela nos relacionamos, no firme desejo de que nosso olhar, ser e agir, sejam reflexos do seguimento, cada vez mais fiel, ao Senhor Jesus. Não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos e nos colocarmos diante de Jesus Cristo.

19. Por isso, este capítulo nos desafia a recomeçar nossa ação evangelizadora a partir de Jesus Cristo para que ela conduza sempre ao encontro com Ele. Além disso, destaca a necessidade urgente de recuperarmos a capacidade de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo explicitamente, dadas as condições frágeis de

identidade ou vivência cristã de nosso povo, muitos até batizados, mas não evangelizados. Considera também a importância da vivência comunitária da fé, a partir das pequenas comunidades e grupos e, por fim, explicita que a melhor forma de fazer isso é por meio da sinodalidade. Somente a firme convicção de que, a interpelação do Espírito nestes tempos é caminhar juntos, nos permitirá responder coerentemente às necessidades da evangelização.

1.1 - O Encontro com Jesus Cristo

20. O encontro com Jesus enche a vida de alegria, convida à conversão e ao discipulado missionário. Como destacou o papa Bento XVI, “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1). Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo. O encontro com Ele não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e o capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. “Conhecer Jesus, o comunicador do Pai, é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp 29). Jesus Cristo revela o mistério de amor e comunhão da Santíssima Trindade e convida o ser humano a viver em comunhão no amor. Jesus de Nazaré é a revelação do amor mútuo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo e, ao mesmo tempo, a expressão maior do amor de Deus pela humanidade, amor esse, que assumiu para si toda a realidade.

21. Da comunhão da Santíssima Trindade, deriva a comunhão da Igreja, a qual é, “em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

Ser cristão implica, entre outros aspectos, viver em comunidade. (cf. At 4,32-33). O encontro com o Senhor é mediado pela ação da Igreja, que se concretiza em cada tempo e lugar, de acordo com o jeito de ser de cada povo, de cada cultura. “Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?” (EG 8). Assim, a comunidade cristã se apresenta como espaço privilegiado de encontro com Jesus ressuscitado. Ao mesmo tempo, ela constrói-se à volta de Jesus e é d’Ele que recebe vida, amor e paz (cf. Jo 20, 19-31).

22. Sendo Jesus Cristo a fonte de tudo o que a Igreja é e de tudo o que ela crê, na missão de evangelizar ela não tem outro ponto de partida a não ser a certeza do amor de Deus revelado nele. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito. Esta convicção nos permite manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. (cf. EG 12).

23. Como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo, rosto da misericórdia do Pai. “A primeira motivação para evangelizar é o amor que rece-

PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

bemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais”. (EG 264). O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha, fala, respira, trabalha com Ele.

Sente Jesus vivo e presente em meio à tarefa missionária. Sua presença dá confiança, ardor e entusiasmo para anunciar, características sem as quais o missionário não convence ninguém (cf. EG 266).

24. Unidos a Jesus, procuramos o que ele procura, amamos o que Ele ama (EG 267). A pessoa e a mensagem de Jesus são inseparáveis. O encontro com Jesus é também o encontro com o projeto do Reino de Deus.

Os evangelhos o apresentam como centro da vida e da pregação de Jesus. “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

25. A Igreja cumpre sua missão seguindo os passos de Jesus e assumindo suas atitudes. Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (2Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. “Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na

gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho” (DAp 31). No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado e glorificado pelo Pai, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos (cf. DAp 32).

26. Na comunidade fazemos, verdadeiramente, a experiência do encontro com Jesus ressuscitado. Ele se faz presença nos gestos de amor, de partilha, de serviço, de encontro, de fraternidade e envia os seus para anunciarem a Boa Nova do Reino, renovando e transformando o mundo. Nós encontramos o Ressuscitado no diálogo comunitário, na Palavra partilhada, no pão repartido, no amor que une os irmãos em comunidade de vida.

1.2 - O Caminhar juntos com Jesus Cristo

27. Uma das expressões mais significativas do discipulado em comunidade é a vivência da sinodalidade, que não se restringe a certas práticas burocráticas ou a reuniões de lideranças, ocasionais, mas refere-se ao jeito de ser e de atuar da Igreja. O estilo sinodal da Igreja se fundamenta na consideração da dignidade batismal de cada membro e não no cargo hierárquico ou função que desempenha. Este estilo permite construir processos eclesiais e dinâmicas missionárias capazes de proclamar a Alegria do Evangelho. A sinodalidade oferece uma oportunidade de encontro na fé que faz crescer o vínculo com o Senhor, a fraternidade entre as pessoas e o amor pela Igreja, tanto no nível individual, quanto comunitário, envolvendo-a e dinamizando-a. A experiência sinodal é a de um horizonte de esperança que se abre para a Igreja, um sinal claro da presença e da ação do Espírito que a guia através da história no seu caminho rumo ao Reino (cf. LG 5), no qual o protagonista é o Espírito Santo (cf. IL 17).

28. A sinodalidade não deriva da enunciação de um princípio, de uma teoria ou de uma fórmula, mas se desenvolve a partir de uma disposição para entrar numa dinâmica de palavra construti-

va, respeitosa e orante, de escuta e diálogo. Na raiz desse processo está a aceitação, pessoal e comunitária, de algo que é tanto um dom quanto um desafio: ser uma Igreja de irmãs e irmãos em Cristo que se escutam mutuamente e que, ao fazê-lo, são gradualmente transformados pelo Espírito (cf. IL 18). Na dinâmica da escuta, cada um tem algo a aprender. Cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7).

29. Assim, a sinodalidade oferece condições para uma Igreja em saída. O termo “saída” não se vincula apenas ao horizonte geográfico, mas, também, entre outros, ao de mentalidades ultrapassadas, que não servem para pôr em movimento a Igreja de Jesus. Sinodalidade é sinônimo de comunhão e participação e missão tendo como pressuposto uma conversão sempre constante e sincera à verdade do Evangelho. A conversão pastoral é condição para melhor realizar o mandato missionário de Jesus. Seguir na trilha sinodal é o caminho para nos tornarmos verdadeiramente discípulos e amigos do Mestre e Senhor que disse de si mesmo: “Eu sou o caminho” (Jo 14,6).

30. A necessária vivência da fé em comunidade deve ser reafirmada em vista da missão. A fé cristã é intrinsecamente eclesial, isto é, comunitária. Somos discípulas e discípulos de Jesus quando nos arriscamos a caminhar em direção ao outro para gerar processos de comunhão, e não quando nos fechamos em nossas cómodas seguranças individuais. Nossa identidade de discípulos e discípulas se constrói no seio da comunidade: “não há identidade plena, sem pertença a um povo” (GeE 6).

1.3 - A Comunhão com Jesus Cristo

31. A comunhão com Jesus Cristo não é um encontro sociológico como membros de um grupo de identidade, mas é, acima de tudo, um dom do Deus Trinitário e, ao mesmo tempo, uma tarefa, que nunca se esgota, de construir o “nós” do Povo de Deus. A comunhão entrelaça uma dimensão vertical, “união com Deus”, e uma horizontal, “a unidade de toda a humanidade”, num forte dinamismo escatológico: a comunhão é um caminho na qual somos chamados a crescer, “para que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao Homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

32. Recebemos a antecipação deste momento na liturgia, o lugar onde a Igreja no seu caminho terreno experimenta a comunhão, nutre-a e edifica-a. Se a liturgia de fato “contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja” (SC 2), então é para ela que devemos olhar a fim de entender a vida sinodal da Igreja. Em primeiro lugar, é através da realidade cotidiana da ação litúrgica partilhada e, em particular, da celebração eucarística, que a Igreja experimenta a unidade radical, expressa na mesma oração, mas numa diversidade de línguas e ritos: um ponto fundamental na chave sinodal.

33. Ser verdadeiro discípulo missionário exige o vínculo efetivo e afetivo com a comunidade dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor. Nas Sagradas Escrituras, percebemos que o ser humano não se entende como ser isolado e autônomo. Ele está ligado a uma família, é membro de uma comunidade, faz parte de um povo, o Povo de Deus. Jesus mesmo participou ativamente da vida comunitária de sua gente (Lc 4,16; 2,41-52).

PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

34. Para anunciar o Reino de Deus, Jesus constituiu o grupo dos Doze Apóstolos (Mc 1,16). Ele não deteve no entusiasmo individual de alguns. O número remete às doze tribos de Israel. Assim, a comunidade de Jesus dará início à Igreja, novo Povo de Deus, mistério de comunhão. Na convivência cotidiana, a pequena comunidade de discípulos aprendeu com Jesus novo jeito de viver: ser irmãos uns dos outros, porque ninguém deveria ser chamado de mestre; valorizar a dignidade de todos, sem preconceitos; partilhar os bens e viver na simplicidade; ser amigos uns dos outros; viver o serviço como a nova forma de poder; perdoar-se uns aos outros, também aos inimigos; orar constantemente (cf. Doc. 100, n. 73ss).

35. As primeiras comunidades cristãs testemunharam esse ideal de vida fraterna, como atesta o livro dos Atos dos Apóstolos: “eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Essa perseverança os fazia crescer na vida cristã, como membros da mesma família. Sua existência era essencialmente missionária, “louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, a cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que eram salvas. (At 2,47)” (Doc. 100, n. 81). Essas primeiras comunidades servem de inspiração para as nossas comunidades.

36. Viver o encontro com Jesus Cristo implica necessariamente amor, gratuidade, alteridade, unidade, eclesialidade, fidelidade, perdão e reconciliação. É nessa vida que o cristão se torna firmemente enraizado e edificado em Jesus Cristo (Ef 3,17; Cl 2,7), à semelhança da casa que se constrói sobre a rocha (Mt 7,24-27). O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. (cf. EG 88).

37. A Igreja, “Mãe de coração aberto”, “casa aberta do Pai”, conchama a todos para reunir-se na fraternidade, acolher a Palavra, celebrar os sacramentos e sair em missão, no testemunho, na solidariedade e no claro anúncio da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo. Na Igreja, o fiel encontra a força de uma união que ultrapassa raças, condições econômico-sociais, preconceitos, discriminações (DGAE 14).

38. Um desafio do nosso tempo é mostrar que o caminho nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. “Uma fé autêntica, que nunca é cômoda nem individualista, comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra melhor depois da nossa passagem por ela” (EG 183). A proposta de Jesus é aprender a encontrar os demais com a atitude evangélica, caminhar juntos, valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada e, mesmo nas contradições, não nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade (cf. EG 91).

39. Para que isso possa acontecer, é preciso “criar espaços apropriados para motivar e cuidar dos agentes pastorais, lugares onde regenerar a sua fé em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, onde compartilhar as próprias questões mais profundas e as pre-

ocupações cotidianas, onde discernir em profundidade e com critérios evangélicos sobre a própria existência e experiência, com o objetivo de orientar para o bem e a beleza as próprias opções individuais e sociais” (EG 77).

1.4 - O Anúncio de Jesus Cristo

40. O anúncio de Jesus Cristo, num contexto de mudança de época, exige uma explicitação contínua, não podendo mais ser pressuposto. Este anúncio se constitui como prioridade permanente na missão da Igreja. O primeiro anúncio tem um papel central e insubstituível, porque introduz no mistério do amor de Deus, que, em Cristo, nos chama a uma estreita relação pessoal com Ele e predispõe a vida para a conversão. Esse anúncio querigmático nunca é fato pessoal, mas sempre vinculado a uma comunidade que envia, acompanha e apoia. (cf. RMI 44-45).

41. Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar (EG 164). A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como anterior à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas.

42. Ao discípulo missionário exigem-se certas atitudes que proporcionam uma acolhida mais frutuosa do anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (EG 165). Isso requer novas atitudes pessoais, tais como a acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e vida comunitária, bem como novas estruturas pastorais sempre voltadas a acolher e apresentar Jesus Cristo.

43. A missão exige a habilidade de percorrer um caminho sinodal, que é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. A sinodalidade significa o comprometimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja, uma vez que todos são corresponsáveis pela vida e pela missão da comunidade e todos são chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor (1Cor 15,45)”.
44. Enfim, nossa ação evangelizadora, busca renovar e amadurecer o encontro com o Senhor através do anúncio alegre “do que vimos e ouvimos” (1Jo 1,1-3). A experiência de sermos chamados por Ele, convivermos na sua intimidade, aprendendo com sua Palavra e amando a todos como ele amou até o fim, é a referência fundamental para nossa ação evangelizadora.

Reafirmamos nossa alegria de termos sido encontrados pelo Senhor e de podermos amadurecer esta união com Ele na vida comunitária, aprendendo todos os dias a caminhar juntos como seus amigos. Tendo tomado consciência da presença de Jesus Cristo na Comunidade Eclesial, voltamos nossos olhos e ouvidos para os desafios e oportunidades que este tempo, marcado por profundas mudanças, nos apresenta.

COMO LIDAR COM A PROCRASTINAÇÃO



Se você ou alguém que você conhece é o tipo de pessoa que espera até o último segundo para começar alguma tarefa, então há um indício de que você ou aquela pessoa é um procrastinador. Apesar de o termo ser pouco conhecido, é um hábito que ocorre com bastante frequência.

O famoso “deixa para depois” é bem diferente da preguiça, assim podemos dizer que procrastinar é a ansiedade e o estresse por querer cumprir prazos rápidos, muitas vezes sem rotina e com o acúmulo de atividades do dia a dia. Então muitas pessoas acabam deixando para depois tarefas simples pela sobrecarga. Dessa forma, pensando no desenvolvimento pessoal e emocional são oferecidas muito em consultórios de psicologia alternativas que podem ser usadas para ajudar a resolver o problema da procrastinação de jovens e adultos.

Esse ato de procrastinar pode se tornar um vício quando se tem frequência, e pode prejudicar severamente o lado pessoal e profissional do indivíduo. No dicionário, procrastinar significa postergar para amanhã, adiamento de tarefas, etc. A diferença entre preguiça e procrastinação é que a pessoa preguiçosa quando decide não fazer, pouco se importa com as consequências. Já a pessoa que está procrastinando deseja adiar e sabe de suas responsabilidades. Esse senso faz com que o indivíduo fique ansioso por solucionar o problema em questão e receoso com as consequências que irão surgir depois, então a única maneira é ir fazer a atividade.

É comum jovens e adultos cometerem isso, ainda mais quando a atividade não é prazerosa. Já, quando a tarefa envolve algo que se tem prazer ou quando envolve momentos de lazer, não pensamos duas vezes, não é mesmo? Isso acontece até para as crianças em sua rotina, principalmente na hora de realizar as tarefas escolares. A procrastinação em crianças e adolescentes é comum. Nessa fase é mais interessante jogar vídeo game, assistir TV do que executar as atividades.

Em grande parte dos casos, a falta de gerenciamento do tempo e organização podem acarretar na procrastinação, mas também pode acontecer devido ao controle emocional, uma vez que muitas pessoas têm

baixa autoestima, medo de falhar ou são inseguras. Pessoas com o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e depressão são bastante propícias à procrastinação. O aumento da carga pode desencadear, autocritica, culpa, falta de energia, má alimentação, ansiedade, sintomas físicos como, dores de cabeça e no corpo. Em crianças e adolescentes pode causar queda do rendimento escolar, falta de concentração e de criatividade, além de estresse e raiva.

Para evidenciar os sinais da procrastinação que uma criança ou adolescente está apresentando os responsáveis devem notar: dificuldade para cumprir horários, seja na hora de acordar ou quando vai sair de casa. Excesso de uso de telas é prejudicial e isso tende a aumentar ainda mais os hábitos de procrastinação, proporcionando distração rápida. Tristeza e desânimo na realização das tarefas. Sentem-se culpadas pela falta de ação, sabem que precisam realizar, mas de alguma forma acabam adiando e por isso surge esse sentimento.

O vício em procrastinar dos pais pode influenciar o comportamento dos filhos. Isso porque eles geralmente se espelham nos vínculos afetivos para agirem primeiro. Esse hábito criado na infância pode afetar ainda mais a saúde futuramente. Crianças que aprendem a procrastinar logo cedo podem desenvolver problemas como estresse, ansiedade e impulsividade, o que prejudica o seu desenvolvimento emocional. Neste caso, a saúde física pode ficar comprometida. Situações como o adiamento de consultas médicas, o início de algum tratamento e também a prática de atividades físicas podem entrar na lista de tarefas prejudicadas.

Dicas para não procrastinar

Mas afinal, como acabar com a procrastinação? Apesar de não ser uma simples tarefa, ela pode ser exercitada e melhorada, até porque enrolar para fazer algo só vai trazer a sensação de felicidade naquele momento, mas depois o sentimento ruim começa a trazer aquela sensação de culpa.

Para isso, não comece o dia procrastinando. Retire aquela soneca do despertador, os 5 minutos podem virar 20 facilmente. Feito isso, comece o dia já arrumando sua cama, é uma tarefa simples que pode ajudar. Todo mundo precisa de uma rotina, e para isso é importante ter uma lista de tarefas diárias que precisam ser cumpridas, isso trará clareza do que fazer e suas prioridades. **Veja a lista de mudanças que podem ser feitas para superar a procrastinação:**

-> Crie metas e limites, estabelecer um prazo final para determinadas atividades é importante, mas lembre-se de que essas metas precisam ser alcançáveis, não coloque uma coisa impossível na sua lista.

-> Bloquear estímulos externos também ajuda: uma vez que o barulho da rua te deixa distraído, feche a janela, a falta de concentração pode estar ligada também a pequenas coisas.

-> Tenha foco e realize uma coisa de cada vez: se tiver uma lista de afazeres comece pelo qual considera o mais importante no momento, escolha uma e focalize naquilo até o término.

-> Seja organizado: a organização é primordial para o trabalho e controle das atividades, saber onde está cada coisa ajuda no desenvolvimento das atividades.

-> Pratique o autoconhecimento: esse é o fundamental e principal fator para sair da bolha procrastinadora. Se você conhecer a si mesmo irá entender que alguns comportamentos te levam a procrastinar, o que irá te levar a reduzir a atenção e o foco onde manifesta sua procrastinação e o que irá te ajudar a sair disso.

Não se cobre demais, comece com pequenos passos. É com foco e vontade que esse desafio vai ser realizado. Aprenda a gerenciar suas emoções e seu tempo.

*Maria Eduarda Santana
Psicóloga*

DIMENSÃO SOCIAL

ESCOLA DE FORMAÇÃO PERMANENTE: DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, ÉTICA E CIDADANIA

A Diocese de Caçador, em parceria com a Cáritas Diocesana, abre inscrições para a Escola de Formação Permanente: Doutrina Social da Igreja, Ética e Cidadania. Trata-se de um espaço de formação permanente de lideranças eclesiais e sociais, a partir da ética, para construir uma sociedade justa e solidária, à luz da Doutrina Social da Igreja. A dimensão social da evangelização é a expressão viva e concreta de uma Igreja plenamente consciente da própria missão evangelizadora das realidades sociais, econômicas, culturais e políticas do mundo (CDSI, 524). Para os cristãos, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados (EG, 186).

Esta escola possibilitará o aperfeiçoamento das ações pastorais e sociais com vistas a construção de um mundo melhor para todos. A partir dela, pretende-se ampliar a reflexão em termos de participação popular na garantia de direitos, acesso aos serviços e bens públicos. Desta forma, fortalece-se a Cidadania, numa construção coletiva que almeja a realização gradativa dos Direitos.

Objetivo Geral

Oportunizar um processo de formação de agentes capacitando para atuar nos diversos campos da vida social, favorecendo-lhes a aquisição de competências e habilidades para agir com ética e engajamento social, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, à luz do evangelho e do Ensino Social da Igreja em vista do exercício pleno da cidadania.

Objetivos Específicos

Contribuir com a formação de lideranças cristãs para a participação social, no campo da Política, do Controle Social e das organizações comunitárias; Aprimorar a prática política dos cristãos no exercício da cidadania e do bem comum; Investir na formação do sujeito evangelizador capacitando para a construção uma nova cultura política; Motivar os participantes da escola para se tornarem multiplicadores engajados em outros espaços de formação; Ampliar a consciência ética crítica frente aos problemas sociais; Contribuir para o uso responsável das

redes sociais e atuar nas novas formas de comunicação.

Etapas

A Escola abordará as seguintes temáticas: Doutrina Social da Igreja; Ética e Direitos Humanos; Cidadania e Participação Social; Economia e trabalho; Política e Comunicação; Educação e Cultura.

Vagas

Lideranças comunitárias, membros de movimentos e organismos eclesiais, pastorais sociais, Conselhos de Leigos; pessoas que assumem responsabilidades em organizações e movimentos sociais e em espaços governamentais; conselheiros de políticas públicas, pessoas que já assumem ou pretendem assumir funções em serviços públicos.

Crítérios de Participação:

Para um aproveitamento satisfatório da Escola, pede-se aos participantes: compromisso de participar das etapas previstas pelo curso e de realizar os trabalhos solicitados; envolvimento e atuação social e abertura para ser um multiplicador; cultivar atitudes de diálogo e de respeito; disponibilidade e capacidade de trabalhar em equipe; idade mínima de 16 anos; escolaridade mínima: fundamental completo.

Orientações gerais

- **Investimento:** Diárias/materiais e assessoria por conta da Cáritas Diocesana de Caçador e o deslocamento por conta dos participantes
- **Duração:** Dois anos. Etapas presenciais: (2024: junho, agosto, outubro / 2025: fevereiro, abril e maio). Encontros na modalidade virtual sendo realizados entre os encontros presenciais).
- **Carga horária:** 120h/a.
- **Local:** Centro de Formação João Paulo II – Caçador (*das etapas presenciais*)

Inscrição

Acesse o **QR CODE** ou digite este endereço bit.ly/inscricaodsicacador e faça sua inscrição.



ASSEMBLEIA GERAL CNBB

61ª ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB REÚNE BISPOS PARA DEBATES DE IMPORTANTES PARA A IGREJA E A SOCIEDADE



O episcopado de todo o Brasil esteve reunido entre os dias 10 e 19 de abril na 61ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) realizada em Aparecida, São Paulo. O momento foi de muita partilha, celebração, oração e debates importantes sobre temas relacionados à Igreja e a sociedade.

Dom Cleocir Bonetti esteve presente representando a Diocese de Caçador, assim como os demais bispos de Santa Catarina. Entre os assuntos tratados estiveram: as Diretrizes para a Ação Evangelizadora, inspiradas no caminho sinodal; O Impacto do Terrorismo na África Ocidental; A Inteligência Artificial e os Impactos na Ação Pastoral e o Jubileu de 2025: *“Peregrinos de Esperança”*. Ao final da Assembleia também foram lançadas duas mensagens elaboradas pelos bispos, uma direcionada ao povo brasileiro e a outra aos cristãos católicos do Brasil.

A Assembleia foi encerrada no dia 19 com a Celebração Eucarística realizada no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Sob a materna intercessão da Padroeira do Brasil, os bispos reunidos ao redor da imagem de Nossa Senhora Aparecida agradeceram os dias de convivência, oração, diálogos e trabalhos, consagrando o ministério episcopal, as dioceses, os regionais, os presbíteros e todos os agentes pastorais que colaboram na evangelização da Igreja no Brasil.

Instituição do Ministério do Catequista

Um dos momentos especiais e de grande alegria durante a Assembleia foi a Instituição do Ministério do Catequista, celebrado pela primeira vez no Brasil. A celebração foi no dia 13 de abril na qual foram instituídos no ministério, 19 catequistas representando todos os regionais da CNBB. O arcebispo de Santa Maria, presidente da Comissão Episcopal Bíblico-Catequética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Leomar Brustolin, presidiu a Celebração no Santuário Nossa Senhora de Aparecida.

Regiane Dutra Freire da Diocese de Caçador foi a representante do Regional Sul 4 que compreende as 10 dioceses de Santa Catarina. Com 45 anos, ela é casada, iniciou sua atividade na catequese aos 19 anos, transmitindo a fé a crianças, adolescentes e adultos. Hoje, ela colabora na coordenação diocesana de catequese em Caçador e faz parte da equipe regional de coordenação de catequese.

Dom Leomar em sua homilia apresentou a importância do ministério do Catequista na atualidade e seu papel fundamental para a propagação da Palavra de Deus. Ele expressou sua gratidão aos 19 catequistas presentes na celebração e reconheceu a diversidade de contextos em que atuam, desde comunidades indígenas até o trabalho com pessoas com deficiência. Por fim, o bispo convidou os novos catequistas a rezar pelos que os convidaram para esse ministério, suas famílias e suas comunidades de origem. Ele os encorajou a seguir firmes em sua vocação, confiando na presença constante do Senhor em suas vidas.

Durante a Celebração os catequistas escolhidos receberam símbolos que expressam a caminhada para a vida de Ministros da Catequese como a Cruz e a Bíblia.

Para Dom Cleocir Bonetti, bispo da Diocese de Caçador, a Instituição do Ministério do Catequista foi um marco histórico para a Igreja, para a Diocese e para todo o regional. *“Que alegria em vivenciar esse momento aqui em Aparecida! Que alegria porque uma catequista da nossa diocese está aqui representando todas as catequistas do nosso regional. Gratidão também a todas as catequistas da Diocese de Caçador. Sintam a nossa estima, sintam que estamos juntos com vocês nesta caminhada da Iniciação à Vida Cristã. Esse é um reconhecimento do trabalho que vem sendo realizado na nossa diocese e em todo o nosso regional. Vamos juntos, vamos em frente nessa bonita obra que é evangelizar”*, enfatizou.

Testemunho da catequista Regiane

“Quando recebi o convite para este momento, fiquei muito emocionada sabendo do significado que é receber este Ministério como um serviço prestado a igreja e de grande responsabilidade que se traduz em amor à Igreja e missão. Aceitei com alegria, pensando em todos os catequistas do Regional Sul 4 e, de modo especial, os catequistas da Diocese de Caçador. Pois sei da dedicação e carinho de cada um, que não mede esforços para tornar Jesus Cristo conhecido e amado. Agradeço a todos pelo incentivo e parceria na missão, catequistas, sacerdotes, bispos e minha família. Peço a Deus que me conceda a perseverança e fortaleza na missão!”

Pascom Diocese de Caçador
Com informações de Jaison Alves (Sul 4)
Comunicação 61ª AG CNBB

DIOCESE EM AÇÃO

APRESENTAÇÃO DO PLANO DIOCESANO DE PASTORAL TEM CONTINUIDADE NAS PARÓQUIAS

O Plano Diocesano de Pastoral continua sendo apresentado nas Paróquias da Diocese de Caçador. No mês de abril nove paróquias receberam a formação que tem como objetivo explanar alguns pontos principais do projeto, desde o seu planejamento com as escutas, a Assembleia Diocesana do Povo de Deus, o Conselho Diocesano de Pastoral (Codipa), bem como as suas fases de execução. O principal destaque é o Fortalecimento das Comunidades Eclesiais Missionárias (CEM), enfatizando, de forma especial, o Dia da Comunidade.

No dia 05 de abril o encontro foi na Paróquia Santa Juliana, em Salto Veloso. No dia 06 quem acolheu o momento foi a Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, em Porto União. Já no dia 11 a atividade foi realizada na Paróquia Senhor Bom Jesus, em Irineópolis. No dia 13, na Paróquia São José Operário, em Monte Castelo e no dia 13, na Paróquia Santa Cruz, em Canoinhas. Em Lebon Régis, a Paróquia Santo Antônio recebeu a formação no dia 16 e no dia 17, a Paróquia Imaculada Conceição, em Fraiburgo.

Para fechar as apresentações de abril, também acolheram o encontro, as Paróquias Nossa Senhora dos Campos Rainha da Oração, em Arroio Trinta e Cristo Redentor, em Caçador. Padre Valmor José de Deus, coordenador diocesano de pastoral, e Regiane Dutra Freire que auxiliou na elaboração do Plano conduziram os trabalhos.

A ideia é que o projeto sirva de base para que as paróquias possam elaborar os seus próprios Planos Pastorais Paroquiais. Os momentos foram de conhecimento e aprofundamento do conteúdo, em espírito sinodal e visando a evangelização. Para o mês de maio estão previstos seis novos encontros.



SECRETÁRIAS (OS) PAROQUIAIS PARTICIPAM DE ENCONTRO DE FORMAÇÃO

A Diocese de Caçador promoveu nesta segunda-feira (22) um encontro para secretárias (os) paroquiais. A atividade foi realizada no Centro de Formação João Paulo II, Linha Castelhana, em Caçador, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre diversos assuntos que permeiam o dia a dia das paróquias, além de ser um momento de socialização.

Na pauta estiveram temas relacionados à Chancelaria, à Iniciação à Vida Cristã (IVC), à Câmara Eclesiástica, à contabilidade, e à Pastoral da Comunicação.

Dom Cleocir Bonetti esteve presente e deixou sua mensagem de motivação para os participantes. “As secretárias e os secretários paroquiais têm a importante missão de acolher as pessoas que procuram a Igreja. Que vocês possam ser essa acolhida, sempre com empatia e respeito. E que mesmo com os desafios que surgem no caminho, tenham o incentivo para seguir e sejam fortalecidos através da fé”, disse.



PJ DO CONTESTADO CONCLUI COM ÊXITO O TRIÊNIO DA COORDENAÇÃO REALIZANDO ÚLTIMAS ATIVIDADES

A Pastoral da Juventude do Contestado da Diocese de Caçador realizou no dia 06 de abril a Pós-Missão Jovem, nesta os líderes missionários foram acolhidos pela Comunidade do Assentamento Rio Água Azul. Foram realizadas diversas atividades, incluindo uma roda de conversa sobre ervas medicinais e avaliação sobre a Missão Jovem. Ao final do encontro, realizou-se a celebração eucarística presidida pelo padre Edson De Bortoli.

Durante os dias 20 e 21 de abril, a Coordenação Diocesana da Pastoral da Juventude do Contestado se reuniu para última reunião do atual triênio (abril de 2021/ abril de 2024), no centro de formação João Paulo II, Linha Castelhana, Caçador/SC. Os principais encaminhamentos foram a organização e ajustes finais para a 21ª Assembleia Diocesana da PJ do Contestado, que aconteceu no dias 27 e 28 de abril, na ocasião eleita a nova Coordenação Diocesana da Pastoral da Juventude do Contestado e demais serviços. Após a assembleia, acontecerá uma reunião de transição no mês de julho, para assim iniciar o novo triênio (abril de 2024/abril de 2027).



Pós-Missão Jovem (Lebon Régis)



Reunião CDPJ (triênio 2021/abril 2024)



21ª Assembleia Diocesana da PJ do Contestado

FIQUE POR DENTRO

AGENDA/ANIVERSÁRIOS

MAIO (atualizada até 30/04/2024)			
DATA	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	LOCAL
03 e 04	Conselho Regional	Cáritas Brasileira	Alfredo Wagner
04	Reunião Conselho Regional Sul IV	ECC	Chapecó
05	Formação Assessores Micro Canoinhas	COMIDI/IAM	Canoinhas
06	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Treze Tílias
07	Reunião	Micro de Canoinhas	B.V. do Toldo
07	Reunião do Conselho Diretor	Cáritas	Caçador
09	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Iomerê
12 a 19	Semana de Oração pela Unidade Cristã	CDPE	Paróquias
12	Encontro de Líderes na 32ª Romaria	Pastoral da Criança	Santuário N.S. de Fátima
12	58º Dia Mundial das Comunicações Sociais	PASCOM	Dioceses
14	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Pinheiro Preto
15	Reunião	Micro de Arroio Trinta	Treze Tílias
17	Reunião	Micro de Porto União	Irineópolis
17 a 19	Pré-Missão Regional da PJ	PJ Sul 4	Chapecó
17 a 19	Seminário Regional das Juventudes	CEB's	a definir
17 a 19	Capacita Cáritas	Cáritas Regional	Lages
19	32ª Romaria ao Santuário Diocesano Nossa Senhora de Fátima – Mãe dos Pobres	Equipe do Santuário	Fraiburgo
20	Reunião Regional	CNLB/SC	Virtual
20	1ª. Reunião Apreciação de Projetos FDS	Pastorais Sociais	Virtual
21 e 22	CONSEP	CNBB	Brasília
22	2º Fórum Regional das Pastorais Sociais	Pastorais Sociais	Virtual
23	Reuniao	Micro de Videira	Fraiburgo
23 a 26	Assembleia Formativa para membros das Coordenações Regionais e (Arqui) Diocesanas	Pastoral da Saúde	Brasília
24 a 26	4ª Etapa Escola Regional de Atualização Litúrgica	Liturgia	Lages
24 a 26	1ª Etapa do ECC	ECC	Santa Cecília
24 a 26	Encontro com os Agentes	Pastoral Carcerária	Rio do Oeste
25 e 26	Formação com catequista	SABC	a definir
25	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Papanduva
28	Reunião Regional como os Coord. Diocesanos	SAV/PV	Virtual
28	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Três Barras
30/05 a 01/06	X Encontro Nacional CNLB - Assembleia	CNLB	Manaus/AM
31/05 a 01/06	Retiro Cursilho Masculino Jovem	MCC	Canoinhas
31	Apresentação do Plano Diocesano de Pastoral (PDP)	SDP	Santa Cecília

ANIVERSÁRIOS	
Nome	Nascimento
Pe. Almedo Diedrich	07/05/1951
Pe. Celso Carlos P. dos Santos	09/05/1967
Pe. Marlon Malacoski	15/05/1985
Pe. Ederson Iarochewski	29/05/1983
Nome	Ordenação
Pe. Valcir Baronchello	04/05/1991
Pe. Everaldo Antonio da Conceição	13/05/2017
Pe. Rogério Esmeraldino	30/05/1993
Pe. Fábio Costa Farias	30/05/2009



32ª Romaria Dioocesana



Programação

10 a 18/05 - Novena em Honra
a Nossa Senhora de Fátima

19/05 ROMARIA

8h - Acolhida dos Romeiros(as)

9h30 - Oração da Manhã

10h - Santa Missa

(celebrando 25 anos de sacerdócio do
Bispo Dom Cleocir Bonetti)

12h - Intervalo para Almoço

13h15 - Santo Terço

(Peregrinos de Esperança - Rumo ao Jubileu 2025)

14h - Show de Evangelização
CANTORES DE DEUS

15h20 - Adoração ao Santíssimo

16h - Bênção e Envio